
Parahyba de Mim

Uma história de Amor

Lúcia Miners



Parahyba de Mim

Uma história de Amor

Lúcia Miners

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Miners, Lúcia, 1934-2012

Parahyba de mim : uma história de amor
/ Lúcia Miners ; organização Adriano Carlos
Moura, Ronaldo Henrique Barbosa Junior. --
Campos dos Goytacazes, RJ :
Ed. da Autora, 2023.

ISBN 978-65-00-69162-7

1. Poesia brasileira I. Moura, Adriano
Carlos. II. Barbosa Junior, Ronaldo Henrique.
III. Título.

23-155100

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

FICHA TÉCNICA

Organização

Adriano Carlos Moura

Ronaldo Henrique Barbosa Junior

Bolsistas do projeto “A cidade como signo na literatura de Campos dos Goytacazes: um estudo ecocrítico” (PIBIC/CNPq)

Raul Chatel Neto

Ronaldo Henrique Barbosa Junior

Projeto Gráfico

Capa: Anderson Souza

Sumário: Letícia Maciel

Ilustrações: Thais Di Gianni

Diagramação e editoração: Thaís Rodrigues

Pesquisa visual: Letícia Ribeiro

Coordenação do Projeto Gráfico

Marco Antonio de Souza Moreira

Maria Tereza da Silva Soares Azeredo

Pesquisa e Propostas de Projeto Gráfico

Alex Retamero

Kelly Dutra

Aline Peixoto

Kevin Areas

Amilton Santos

Laura Barcelos

Ana Elisa Rangel

Letícia Barcelos

Anderson Souza

Letícia Maciel

Andreson Santos

Letícia Ribeiro

Bianca Tavares

Luiz Miguel Miranda

Breno Medeiros

Lyvia Rosa

Denis Cândido

Mateus Rennó

Emanuelly Marinho

Monique Velasco

Fernanda Ramos

Thais Di Gianni

Flávia de Alvarenga

Thaís Rodrigues

Gleyciane Magalhães

Thalia Silva

João Lobo

SUMÁRIO

Apresentação	6
Rio	8
Espera	9
Amor	11
Selvagem	13
Segredo	17
Destino	20
Apache	22
Dark	25
Menino	29
Senhor	31
Tartufagens	35
Paraíba, outro de mim	39



Degredo	43
Paraíba de mim	45
O meu amor	48
De amor	49
Do outro lado	52
Canto de Jó	55
Ciranda	59
Minueto	61
Namoro	63
Núpcias	65
Paraíba de mim: uma leitura ecocrítica da obra de Lúcia Miners	68
Referências	91



APRESENTAÇÃO

Esta publicação visa a preencher uma lacuna na literatura brasileira produzida na cidade de Campos dos Goytacazes: tornar pública a obra poética da escritora Lúcia Miners, conhecida por livros infantis como *João e Aninha e Juca das Rosas*. Trata-se de um dos resultados do projeto de pesquisa “A cidade como signo: estudo ecocrítico da poesia de Campos dos Goytacazes” desenvolvido nos anos 2021 e 2022 no Instituto Federal Fluminense.

A autora nasceu em Barbacena, Minas Gerais, em 08 de junho de 1934. Mudou-se para Campos dos Goytacazes com a finalidade de iniciar trabalhos pedagógicos no município, onde viveu até seus últimos dias. Trabalhou no extinto jornal campista “A Cidade”, assim como na “TV Norte Fluminense” e no jornal “Folha da Manhã”. Faleceu em 08 de junho de 2012, sem ter publicado a obra *Paraíba de mim*.

Campos possui produção poética bastante profícua, sendo a poesia o gênero que serviu de corpora ao estudo do projeto. Dos poetas estudados, Lúcia era a única cuja poesia ainda não estava disponível para os leitores.

Portanto este livro, que conta a parceria editorial estabelecida entre os cursos de Letras e Design Gráfico do Instituto Federal Fluminense, pretende ainda contribuir para a preservação da memória cultural e literária na cidade.

Agradecemos à professora Thereza Christina Cruz que guardou e nos cedeu os originais do livro e aos filhos da escritora, especialmente Maysa Chebabe, por terem permitido que o publicássemos. Agradecimento especial também ao curso de Design pela parceria na construção do projeto gráfico do livro.

Além dos poemas, é apresentado ao leitor o artigo “Paraíba de mim: uma leitura ecocrítica da obra de Lúcia Miners” sob a perspectiva da ecocrítica e da memória, considerando as interações espaciais e naturais apresentadas pela autora de acordo com suas vivências em Campos dos Goytacazes/RJ. O texto analisa o papel do rio Paraíba do Sul – principal bacia hidrográfica do Rio de Janeiro – com a finalidade de ampliar a bibliografia analítica acerca da literatura campista, contribuir com a linha de estudos ecocríticos e tornar pública a obra inédita de Lúcia Miners.

RIO

Há um rio em minha vida,
há um rio,
que corre em desmaz-
elo de mim para mim,
cachorro.

Passa por cima de paus
e pedras,
sem eira nem beira –
rio que se cante.

Luas se suicidam
em suas águas
minguantes,
cheias,
paraíbas.

Nu, faminto,
abandonado,
me dói o coração
ao vê-lo agonizando,
e belo, ainda,
belo, mesmo que um dia,
deságue a solidão
de tal maneira,
que em seu leito
um mandacaru
brote sertão.

ESPERA

Paraíba,
recostada em seu dique,
você me disse
que eu esperasse
que você vinha me buscar
um dia.

E, então,
para quando você vier,
vou guardar
uma rosa
do jardim
de mim.

Para quando você vier,
vou guardar seu nome
no alto daquela montanha,
vou deixar o sol nascer
e tocar seu nome
como um sino,
para quando você vier.

Para quando você vier,
vou guardar o tempo,
vou dançar no tempo,
vou prender o tempo
como uma flor
em meus cabelos.



AMOR

Para Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre

Paraíba,
se morresse sartre,
beauvoir e nua,
estiraria ao teu lado
meu corpo envelhecido
mas ainda cálido,
para esquentar
o sangue-neve
de tuas veias.

Deslizaríamos os dois,
para a tua foz,
último limite
do amor
com que te amo
víscera.

Se animal,
cataria teus piolhos
e os morderia
simiesca,
em ternura ancestral.

Te limparia, pássara,
bicando tuas penas,
até que, modorrento,
escondesses a cabeça
sob a asa
quando a noite viesse.

E na madrugada
em que teu canto
nascesse,
beauvoir,
também renasceria
para escrever
a elegia deste amor.

SELVAGEM

“Enterrem meu coração
na curva do rio”,
peço,
como pediu um índio
que, estrangeiro,
sabia falar a língua
da minha flauta alma,
índia que sou,
selvagem.

Se as pernas cruzo,
social,
em vernissagens,
a alma está acocorada,
ouvido alerta
para os ruídos
quase nada
de uma selva
em que, matreiro,
o inimigo surja.

Se, requintada,
canapés mordisco,
Dama da Corte,
antropofagicamente,
rosna
o seu pedaço de caça.

Bebo na concha
das mãos
água riacho,
quando levemente
seguro a taça
em que me servem
a mesma água.

O banho perfumado
em sabonetes e shampoos,
é, apenas,
o verniz
que, descascado,
desvenda o banho
que, em meu rio,
limpo o corpo com folhas
e flores abertas
madrugadas.

Jamais estive grávida,
mas prenhe;
nunca me nasceram filhos,
os pari,
quando meu grito
primevo
se fez soluço,
ao agarrá-los,
fera,
e lambê-los
crias, curumins.
Cheiro, disfarçada,

o ar desses salões
e o meu faro
é faro de onça
na espreita
do perigo,
como só índio
e animal
sabem espreitar.

Meu grito de guerra
ecoa no silêncio,
se palavra cambaia
agride a minha
escuta
e não confundo
doce, àquela que amarga,
mesmo que enfeitada
em pétala de flor.

Sei exatamente
o curso do meu rio,
guia seguro,
mateiro,
meu irmão,
que me levará
a salvo
à clareira
em que adormeço.

Por isso, peço:
“Enterrem meu coração
na curva do rio”.

E meu rio
é esse Paraíba
que se disfarça civilizado,
já que, em cidade corre,
mas que é,
como todo rio,
o que desliza na selva
em que, algum dia,
nasci.

SEGREDO

Para Aristides Arthur Soffiati Netto

Há tanta coisa
que ainda não te disse,
Parahyba.
Há tanta coisa
ainda por dizer...

Este meu jeito
de sofrer,
este meu jeito
de morrer,
tarde à tarde,
em teu dique
recostada,
em silêncio de voz
e gritos
no coração.

Há tais segredos
que não te revelo,
temerosa que sou
de que tuas águas
falem
aos passantes
e eles entendam
o teu rodopiar
e me descubram
já não mais
vestal

deste mundo louco,
que conivente sou.
Omissa e cúmplice
dos que te vergastam,
(se boca não fala,
não protesta,
se a mão não impede,
se o corpo não arrosta
o perigo de defender-te)
sou.

Mas isso não te disse
e nem sabes.
É o segredo que guardo:
A minha covardia
Trancada
a sete chaves.

E te olho sonsa
fingidora,
e me crês tão piamente
tua irmã,
e te traio,
Parahyba,
até aqui impune.

Agora, não mais...
não mais...
não mais...



DESTINO

Nem só o Amazonas
se encanta Boto.

Eu,
há mais de três séculos
vossa prometida,
que goitacá,
flor no umbigo,
sedutora,
me sei.

Em noites
de luas prenhes,
as virgens
da minha tribo
vêm cair
aos vossos pés
para o meu ciúme.

Em lindezas
de homem
vos vejo
e minhas setas,
preparadas vinganças,
deixam estendidos
os corpos em flor
dessas rivais.

Eu, só eu,
me enlaço
em vosso corpo,
até que a estrela
da manhã
chegue,
amado,
quando voltais
a ser rio,
Paraíba do Sul,
dono
do meu destino.

APACHE

Bandido Paraíba
que te enroscas
em meu coração
como uma serpente
se me atraso
ao teu encontro.

No relógio catedral
divisas horas,
minutos,
segundos,
milímetros tempos
de ausência
que me cobra
agiota.

Mimado enfant-terrible,
amante préféré,
a quem dou
todos os meus ganhos.
Me assassinarás
de amor
quando puderes
e, sequer um anel
não precioso
poderei guardar
em meu escrínio
vazio.

Apache, vil,
cobiçadeiro,
gigolô
da minha vida
sem remédio,
nessas vielas
em que me exponho
tantálica.

Mesmo que não tenha
te roubado
manjar algum
para dar aos homens
que me sacrificam,
águas e frutas
do meu terror
diário,
não alcanço.

Me beijas bêbado
e suado
de outros amores
que já não me escondes
e, pantagruélico,
engoles
o petit-four
já amassado
em minha bolsa,
o meu jantar.
Mas se me puxas
para o teu leito,

embriagada
de paixão me estendo
e, então, sabes
as ternuras que desejo
e em teus braços adormeço
docemente
até a hora
aririnha
em que voltarei
para as ruas
novamente tentálica.

DARK

Rio que rio
canto,
é esse Parahyba
sujo,
dark,
de profundas olheiras,
e unhas bruxas
que, em morcego
se encapa
nas noites luas
novas,
quando demônios
emergem e se
reúnem
à sua volta
em sabbaths
carmina burana.

Em cirandas
polanski
sacrificam vidas
que boiarão
à flor da água,
suicidas
da esperança.

Túmulo entoa
canto de morte,
marcha fúnebre
com que acolhe
os que ainda
trazendo no rosto
o espanto,
morreram.

Se manhãs despontam,
são lúgubres,
chuvosas,
entre o frio e o
quente
que o corpo não
distingue,
entre a fome e a
sede
e a leve náusea
que escorre
pelas paredes
da alma.

Rato de esgoto,
corre em seu leito
recolhendo o lixo
da cidade, que devora,
indigente.

Quando geme sepulcral
seus fantasmas
sem pouso nem repouso,
vagantes penitentes
de pecados
sem remissão,
rio, que rio canto,
que rio choro,
meu Parahyba.



MENINO

Às vezes te vejo
tão descabelado
e louco,
que me assusto,
Paraíba.

Mas te olho tanto
e tão dentro,
que percebo
seres, apenas,
uma criança
perdida
e pedindo socorro.

E, então,
te tomo em meus braços,
e canto uma canção de ninar
que te faça dormir,
que te faça sonhar.

Teus medos são os meus.
Meus medos, também os teus.

Te adivinho,
me consolo
e o teu peso no meu colo
é o peso de uma flor.

E me inundo, Paraíba,
deste teu pesar de amor.



SENHOR

Tão princesas
as pessoas
por vossas margens
passam...

Sequer vos olham,
mesmo quando,
soberano,
vos vestis de sóis
nas tropicais
fervuras
dos verões em brasa.

Velho e moço,
sois Orixá
e no ondular
de vossas águas,
ouço batuques
de atabaques
dos terreiros
em que deuses
e santos baixam
lambuzados de cachaça.

Ninguém vos olha,
e, no entanto,
quando jovem,
tremulais vossos quadris
neymatogrossos.
Chamais,
incessante,
essas fêmeas
que circulam
beira-rio travestidas
em lavadeiras, estudantes,
professoras,
que fêmea é,
para vossos olhos,
toda mulher.

Ninguém vos olha,
e, no entanto,
quando velho,
sois mestre
de milenar sabedoria.
Signos,
sinais semiológicos,
hieróglifos pré-históricos
decifrais
com a leveza
de um pássaro
em seu voo.

Entendeis,
palavra por palavra,
as vozes babéis
de vossas margens

e ledes, livro aberto,
o coração desta cidade
que, em praça
e catedral,
bate constante.
Atravessais, Senhor,
o feudo que vos coube,
mesmo que vossos vassallos
desconheçam
o direito desta posse
conquistada
em cruzadas sacras
de ontens batalhados
sob a cruz
de um Santíssimo São Salvador,
tão padroeiro.

E, por Senhor,
esperais que os passantes
reverenciem
a nobreza
de que sois dono.

Mas tão princesas
as pessoas
por vossas margens
passam,
que se esquecem
do poder
de vossas águas
que afogarás
a cidade,
se quiserdes.



TARTUFAGENS

Para Felix Carneiro

Se o Bom Deus é bom, de verdade,
Ele não pode ser sempre sério,
ora bolas!

Bem tartufo és,
rio sonso,
vizinho de catedral
de padroeiro santo,
bem mais que santo,
santíssimo,
merecedor de procissão
em tuas águas.

Te acalmas
devoto fiel
e murmuras
terços sem fim
até que o barco-andor
navegue confiante
e, então, a tua tartufagem
se descobre.

Uma que outra onda
cresce
e o andor santo
estremece
deixando o padroeiro

atrapalhado
entre o milagre
de manter-se firme
ou cair,
tendo que andar
sobre ti,
milagre, desta vez,
circense.

Sem contar que zombas
dos fiéis que misturam
suas preces
ao se verem, súbito,
transformados
em pedros-profetas
e terem fé de que,
surfistas,
poderão caminhar
também
sobre teus peixes
e outros mistérios
que resguardas,
maroteiro.

Fitas e flores
voam na iminência
de, pássaros,
fugirem
para nunca mais.
Ano após ano,
encontras jeito

de alvoroçar o público
que, em tuas margens,
obrigatoriamente,
passa a te ver
o principal ator
de encenação sacra
que deixa meio esquecido
o verdadeiro dono
deste enredo.

Bem tartufo és,
Paraíba,
mas isto é segredo
para a espectadora gente,
mas que eu,
tartufamente,
sei e escondo,
divertida,
cúmplice,
pecadora como tu.



PARA
FÉLIX
CARNERO

PARAÍBA, OUTRO DE MIM

Há entre nós
demasiada emoção.

Olhando tuas águas,
posso ver minhas paixões
turbilhonando abismos.

Guardas meus segredos
como em cofre
de senha perdida,
mas sabemos
encontrá-la,
se preciso.

Me és de tal maneira
importante,
que, sem ti,
viveria anônima
de mim,
espelho d' água
desta minha alma
bandalha,
zozna e à toa.

Quando perto,
marulhas, oficioso,
os meus caminhos
e, em ti, me ancoreo
se nau
em calma-ria,
não sei, sem vento,
onde ir
para encontrar-me.

Bem sabes
como detectar
os pensamentos vis
que me escapam,
ainda que vestidos
em sagradas vestes.

Como me sabes
quando, honrada,
acordo
e da minha integridade
monja,
mesmo se mascarada
como um bandido.

Há ainda
muitos segredos entre nós,
diversão nossa, essa,
a de procurarmos,
um no outro,
notícias para os jornais
de nossas vidas.

Trapaceiros,
a confiança de hoje
será nossa manchete
de amanhã.

Tu, rio,
me trazes novidades
de outras águas
mais longínquas
do que alcança
meu repórter faro
citadino.

Tens também
ombros mais largos
e suportas tragédias
que me sacodem,
com a fleugma
lord
da tua experiência
vetusta.

Mas te trago
também a calma,
quando, confessional,
me fico à tua volta,
deixando que vejas
que sou, tantas vezes,
tua igual,
que a solidão
em que habitas,
xipófaga da minha,
se desfaz
e nos tornamos casal
e não mais sós.



DEGREDO

*Ruges paraíba
e dragão.*

Impotente,
sem asas,
para, pégaso,
voares contra o sol,
soltas teus bramidos.

Sem a menor
migalha de dignidade,
rio secular que és,
ultrapassas teus limites,
e nós, morituri,
te saudamos,
Ave, Caesar!,
bufão deste Reino
que beberá
tua água-em-barro.

Ribeirinhos
nos afogamos
em peixes apodrecidos,
urubus sobre cadáveres,
ruas alagadas e lama,
entre ipês desnudos
por Ventos Sul.
A procissão dos aflitos
navega

pelas vielas,
salvando,
miséria a miséria,
seus trapos e farrapos.

Sobrará bem pouco:
em afluentes
te divides
pela cidade,
gorgolejando espumas fétidas
e óleos industriais.

Mas faça o que fizeres,
continuas sendo rio
e nada mais.

PARAÍBA DE MIM

Ao Prefeito Antony Matheus

Tenho por ti
uma ternura...

Se soubesse cantar,
te cantaria gonzaga,
meu “Velho Chico”,
Paraíba de mim.

Tens lá tua foz
onde deságuas
e já me sonhei
morando em tuas águas,
entre Lapa e Lagoa,
olhando as luas cheias
que te transformam
em Amazonas
desta terra de antigos
goytacazes.

Hoje, abandonado,
bem merecias
que te limpassem
(até os cachorros
merecem),
curando tuas feridas
centenárias
e aceitáveis

como rosas.
Públicamente,
se orgulham de ti.
Sais em páginas
de jornais,
viras cartões postais,
iluminados,
e retocados,
turistas.

Querem-te soberbo:
tigre em sua selva.

Mas como,
se em tuas entranhas
peixes morrem
e apodrecem
e sufocas
quando tua voz
fica rouca
do socorro que pedes,
mendigo?

Ah, Paraíba,
meu Paraíba,
te conheço há tão pouco
e já sei falar
tua linguagem,
clara
para os ouvidos
de quem te ama.



O MEU AMOR

O amor que sinto por ti,
Paraíba,
é esta vida boba,
estrela sem brilho,
desamparo de espera.

Ê este desovar poemas pela noite,
sabendo que não estás,
sonhando como seria
se estivesses.

Meu amor é mesmo assim,
à toa,
doido de pedra,
sem eira nem beira,
sem nome,
sem família,
sem barreira,
sem sujeito ou objeto,
sem verbo, sem pronome,
ou predicado.
Só ele só.
À toa.

DE AMOR

Que maravilháveis
são, luz e sombra,
tuas águas
como as almas
dos homens.

Há que sabê-las
navegar
canoeiro,
neste mar fluvial
entre o gênesis
e o apocalipse,
em que nasces
e te derramas.

Alfa e Ômega
desta cidade
em ti plantada,
são infinitos
os horizontes
que ofereces, dadivoso,
se olhos te sabem
ver,
caleidoscópico.

Há que te saber
sonhar
mais que além-mar,
onde Espanhas e Portugais
faíscam diamantes.

Há mares
em tuas entranhas,
nunca d' antes navegados
camões.

Mas para te ver assim,
tão completamente,
há que, de amor, te amar:
amor maior.



DO OUTRO LADO

Lado direito,
descendo à tua foz, Paraíba,
chamam cidade.
Do outro lado,
margem-guarus,
cidade-não?

Que outras gentes
existirão
após tuas pontes,
se tudo o que,
novidadeiro,
não sabe
a margem esquerda,
o que a direita cria?

Cortas em duas
tua cidade,
que mandrake
moisés,
te sonhas.

Que um olho
não veja
o que o outro
espia.
Que esta mão
não saiba
o que a outra
faz êxodo.

E te postas
no meio, espião,
olheiro,
capataz, padraço,
dando à filha,
o que à enteada
negas, mesquinho.

Belo é olhar à noite,
margem-guarus,
a predileta
iluminada.

Mas, se no lado-cidade
o olhar se espraia,
mal se vislumbra
uma que luz
em inútil chama.

Há segredos,
entretanto,
que, guarus, escondem,
essas gentes
que pensas
sem queijo nem faca.

Até um dialeto
e outros códigos
nasceram,
se outra tribo
que sejam
lhes exigés.

E, fatalmente,
constroem
um novo mundo,
este, secreto,
tabuleiro de xadrez
em que peões,
torres, rainhas,
jogarão, sagazes,
até que, em xeque-mate,
acabes descobrindo
que há do outro lado,
margem-guarus,
cidade-sim.

CANTO DE JÓ

Para o Prefeito Antony Matheus

Olhai-me, Iahweh
de Todas as Posses,
a que me reduzistes.

Senhor que fui
de filhos e filhas
da minha carne,
dono de sete mil ovelhas,
três mil camelos,
quinhentas juntas de bois,
quinhentas mulas,
e mais meus servos,
e, ainda, destes campos
além horizontes,
por Vossa mão fui.

Jamais Vos neguei, Senhor,
a prece e Vosso nome
em minha boca
sempre foi louvado.

Em troca,
me mandastes Satanás
e sua miséria
que dizimaram meus bens.

E, ainda assim,
prostrei-me no chão
e orei:

“Nu, saí do ventre
de minha mãe,
nu voltarei
para lá.
Iahweh o deu,
Ieweh o tirou,
bendito seja o nome
de Iahweh!”

E, mais uma vez,
me mandastes
Satanás
que me feriu
em chagas

Sentei-me no meio
da cinza
e cocei minhas feridas
com um caco de cerâmica.
e Vos louvei.

Mas, agora,
meu sofrimento
transborda:
alimento-me de soluços
e minhas águas
são gemidos.
Sou, por acaso,

de bronze?
E Vós, Senhor,
ficareis impune?
Afastai de mim Vosso terror
ou, então,
secai minhas águas
Que me torne limbo,
se elas já não podem mais
desgastar as pedras,
nem fertilizar o solo,
nem dar de beber
ao sedento, para que servirão?

Grito e ninguém me responde:
meu corpo derramo pelas ruas
à procura dos homens
e todos fogem de mim
porque vil é o meu rolar
pela cidade e mato,
Senhor,
mato e destruo
o que está à minha frente,
de dor e medo
e ninguém me entende.
Se Paraíba sou,
assim rio,
que outra linguagem
posso falar?

Os que passam às minhas margens
me desprezam e cospem-me.

Lixo me fazem sem piedade
e urro de dor - ai, de mim! -
Iahweh, Todo Poderoso,
Senhor das minhas dores,
não haverá bálsamo
para o meu sofrimento?

Que mais louvor
Vos louvarei
neste momento,
em que vejo que, de água,
me transformo em sangue?

CIRANDA

Lírica,
minha voz
harpa tremula
docemente
ao cair da noite,
quando estrelas
chegam aos bandos,
meninas,
e bailam, debutantes
deslumbradas.

Maestrina,
a lua se esmera
nos tons e semi-tons
que madrugadas
fugitivas levam
para chamar as manhãs
que acordarão
os dias.

Nas tardes,
abertas conchas,
meu eco acende
os horizontes
para que a noite volte
e venha novamente
ouvir a harpa doce
da minha voz,
que dirá
às estrelas-meninas
que é hora de bailar
paraíbas danças.



MINUETO

Julgo que tu,
nobre e rio,
paraíba dances,
peixe,
minuetos prateados
sob lunares clarões.

Porcelana,
a cidade
farfalhará suas saias,
dama,
e, em reverências
d' amores,
desvendará os seios
que tu,
príncipe, olharás,
desejando paisagens
mais profundas.

E os dois,
nestes salões de ipês,
arfarão de ternura
amadurada
em tardes cristais,
quando, ainda mudos,
perceberam
a paixão
nos vermelhos ocasos
deste céu.



NAMORO

Nunca me senti
sereia,
senão quando ao teu lado.
Nem meus cabelos
foram mais belos.
São verdes algas
quando os penteio
para o teu agrado.

Jamais ousei cantar
tais violinos
cantos de sedução.

Nem mesmo o mar
que se alimenta
de horizontes
me foi
tão zíngaro,
cigano
que rio és
dos meus sonhos
adolescentes.

Me apaixonas,
andrógino e perfeito:
homem,
na firmeza tua,

olhar despudorado,
máscula boca
que reclama beijos
mais profundos
que grutas
e mulher,
que ternuras sabes
me oferecer
em acalantos.

Há afagos entre nós,
insuspeitados,
nas tardes
que acolhem
nosso arrulhar,
entre as saaras pressas
que fervilham
à nossa volta,
pressa
dos que vão morrer,
assim que for possível

NÚPCIAS

Vou me casar
com um rio.

Meu véu de noiva,
derramado,
cachoeiras águas.
E diadema
será a lua
em meus cabelos.

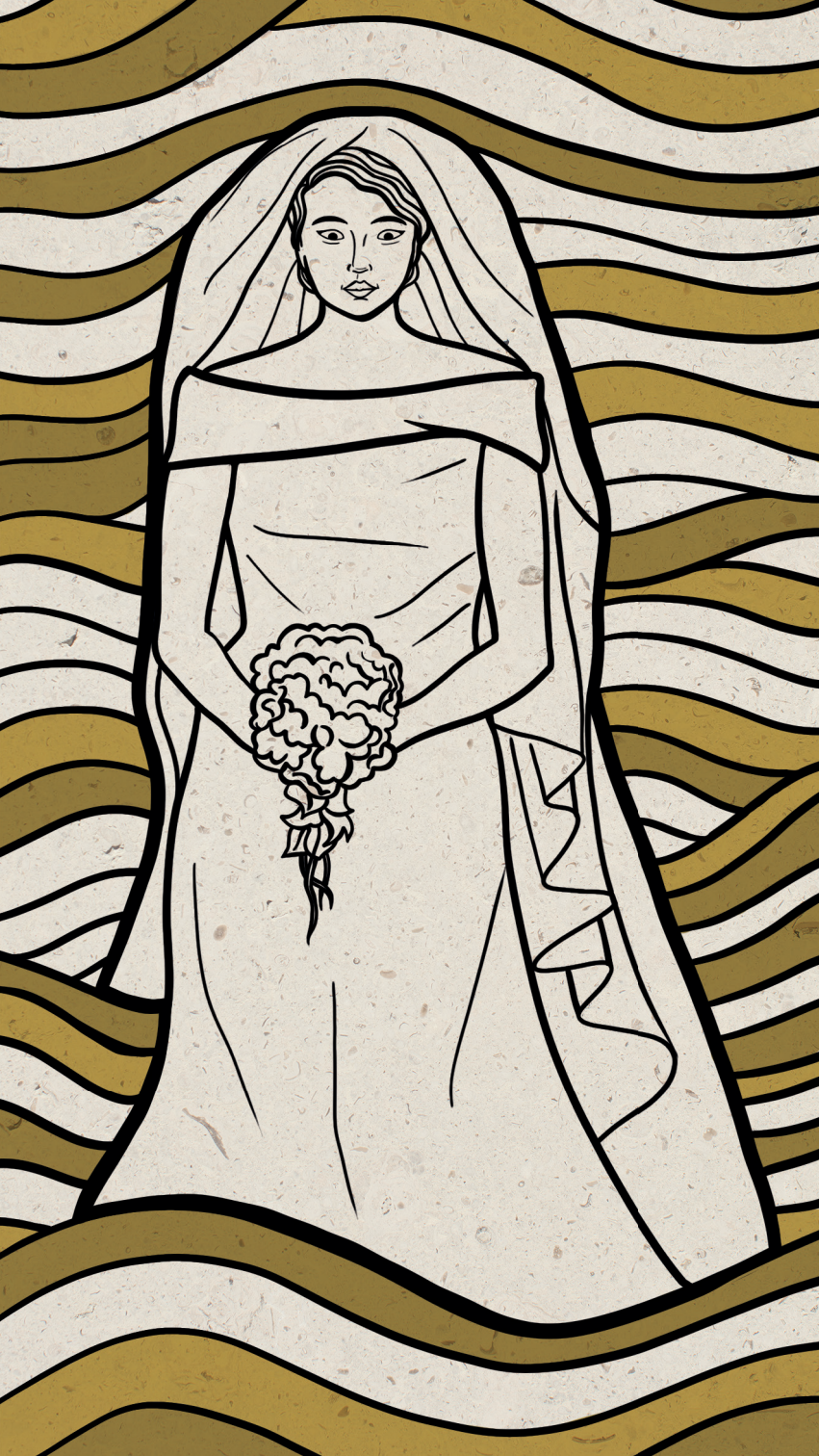
Enrubesço, nuvem,
quando, espojado,
amante,
em nosso dossel
o entrevejo
macho
e ansioso
das primícias
com que me tenta.

Vou me casar
com um rio.

Ato pagão
e primitivo,
desconhece cerimônias
sociais
e dominus vobiscuns,

neblinas
em que se escondem
o defloramento fatal
e a gota de sangue
que manchará,
siciliana,
nossos lençóis.

Mulher
me tornarei
em seus braços
e aprenderei
os segredos
de amar um rio
no alumbrado
sol
que nascerá
pela manhã.



Paraíba de mim: uma leitura ecocrítica da obra de Lúcia Miners

Ronaldo Henrique Barbosa Junior
Adriano Carlos Moura

1. Considerações iniciais

Este trabalho tem sua nascente na busca por analisar poemas da escritora Lúcia Miners que apresentam a cidade e seus signos como protagonistas a fim de estabelecer relações entre elementos culturais, sociais e ambientais que afetam direta ou indiretamente os cidadãos e a produção literária do município fluminense de Campos dos Goytacazes. Inserido no âmbito do projeto de pesquisa “A cidade como signo na literatura de Campos dos Goytacazes: um estudo ecocrítico”, desenvolvido no campus Campos Centro do Instituto Federal Fluminense, os objetivos específicos que dão força à correnteza deste estudo são a busca por: 1) resgatar textos literários da autora Lúcia Miners a fim de contribuir para preservação da memória cultural da cidade; 2) contribuir para uma consciência de preservação do espaço natural e urbano por meio de uma investigação ecocrítica do texto literário; e 3) produzir material bibliográfico sobre a literatura campista disponibilizando-o física e virtualmente a estudantes, instituições e público em geral.

O *corpus* será a obra poética *Paraíba de mim*, escrita por Lúcia Nogueira de Carvalho, que assinava seus textos como Lúcia Miners. A autora nasceu em Barbacena, Minas Gerais, em 8 de junho de 1934. Mudou-se para Campos dos Goytacazes com a finalidade de iniciar trabalhos pedagógicos no município, onde viveu até seus últimos dias. Segundo registro do jornalista João Nogueira (2012), Lúcia trabalhou no extinto jornal campista “A Cidade”, assim como na “TV Norte Fluminense” e no jornal “Folha da Manhã”. Publicou os livros infantis *Aninha e João e Juca das Rosas*, além de escrever poemas e atuar em projetos teatrais. Faleceu em 8 de junho de 2012 em Campos dos Goytacazes sem ter publicado a obra *Paraíba de mim*. Até o presente momento, o público da cidade teve acesso aos poemas de Lúcia somente por meio de apresentações teatrais e saraus, nos quais os textos foram lidos por atores e atrizes.

As reflexões da obra de Lúcia Miners apontadas neste artigo advêm do trabalho literário da autora no sentido de representar diversas faces do rio Paraíba do Sul em seus versos. Ao fazer isso, Lúcia demonstrava a importância de repensar as relações humanas com a natureza. Propõe-se, nas análises dos poemas sob uma perspec-

¹A obra, ainda inédita, terá publicação póstuma vinculada à realização deste projeto, para o qual os textos escritos por Lúcia Miners foram cedidos por seus familiares e amigos.

tiva ecocrítica, que, como preleciona Maria do Carmo Mendes (2020), a literatura possa atuar na tomada de consciência sobre os impactos das ações humanas sobre o meio ambiente com vistas à mudança de postura, considerando que as ações destrutivas sobre os seres não humanos podem culminar na destruição da própria humanidade. Desse modo, o ensino de literatura, como nas demais áreas de conhecimento, deve ser engajado no projeto de um mundo mais sustentável.

Além disso, tal discussão encontra lastro em uma possível conceituação da atual era geológica vivida no planeta, baseada em estudos do professor João Ribeiro Mendes (2022), que analisa o Antropoceno, conceito ainda sem consenso que se baseia no fato de o ser humano possuir impacto central sobre a geologia e a ecologia terrestres. Tal conceito observa que, a partir da Revolução Industrial, passou a ocorrer uma real alteração do metabolismo planetário e uma perigosa influência humana sobre o desequilíbrio da terra.

Partindo do princípio de que a atual era geológica pode ser assim classificada, é preciso enfatizar que a ideia da existência do Antropoceno deve criar um alerta sobre a relação entre humanidade e natureza, já que os impactos da ação humana podem ultrapassar a própria existência, exaurindo fontes de vida por não compreender que a humanidade é parte da natureza, sujeita aos efeitos decorrentes de sua degradação. Como enuncia o ambientalista Ailton Krenak (2020), isso ocorre porque os seres humanos

colocam-se como superiores, exploradores do meio ambiente, não como coabitantes.

Como será possível observar nos poemas analisados ao longo deste trabalho, a autora articula elementos que envolvem a transição da memória individual para a memória coletiva, considerando que a questão ambiental provoca reflexões sobre a relação do ser humano com o tempo e os impactos das ações humanas na natureza. Para isso, considera-se memória enquanto “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423).

A metodologia utilizada para realizar a análise dos textos baseia-se na revisão da bibliografia e na leitura dos poemas de Lúcia Miners com base nos conceitos de ecocrítica e memória – individual, coletiva e ambiental. A bibliografia utilizada engloba textos de James Engelhardt, Jacques Le Goff, Maria do Carmo Mendes, Danielle Cristina Mendes Pereira, entre outros.

2. Paraíba de mim

Muitas são as possibilidades de análise da obra de Lúcia Miners, mas o ponto de vista de interesse neste artigo é construído por meio da perspectiva ecocrítica, brevemente apresentada na introdução. Desse modo, os poemas de Paraíba de mim podem ser lidos com enfoque na discussão atual acerca da habitação responsável do planeta, ideia que, partindo das proposições

dos pesquisadores Francisco Pinto e Hilda Magalhães (2013), permite alcançar dimensões políticas e filosóficas na análise literária.

Isso se dá porque levantar o debate sobre questões relativas à natureza é uma forma de debater o próprio significado da existência humana, o que demonstra a amplitude do conceito de ecocrítica, que exorta estudiosos e escritores a participarem da construção de uma alfabetização ecológica (MENDES, 2020). Para isso, a ecocrítica posiciona-se por meio da análise literária com base na relação humana com a natureza, tanto que, conforme aponta o escritor e literato James Engelhardt (2008), a ecocrítica tem, entre suas preocupações, a natureza não humana, sobretudo ao questionar como se pode conectá-la aos seres humanos.

Em cada texto de *Paraíba de mim*, é possível ter contato com o que a autora denomina como “linguagem” do rio, sua forma de expressão natural, fluida e espontânea. Tal noção demarca a visão de Engelhardt (2008) ao destacar os elementos da natureza por si mesmos, sem que precisem estar contrapostos ou associados à existência humana. Isso torna explícito, através dos poemas, que a natureza representada pelo rio possui impacto sobre todas as vidas ao redor.

A partir de tal construção, Lúcia apresenta um Paraíba do Sul que não é apenas bacia hidrográfica capaz de alimentar o sistema de distribuição residencial de água ou mesmo funcionar como bioma para prover inúmeras formas de vida: ele possui identidade própria, linguagem, autonomia, semblante, reputação e personalidade – o que não está

ligado à sua humanização, mas à compreensão de sua natureza.

Como afirma Ailton Krenak (2020), uma montanha é capaz de dizer se um dia vai ser próspero ou bom mesmo sem se expressar com palavras, pois possui “vocabulário” próprio. Para o escritor indígena, quando determinados atributos da natureza são considerados domínio dos seres humanos, ela perde sua dimensão expressiva e se torna tão somente objeto de exploração, “recurso”, como costuma ser denominada (KRENAK, 2020).

Lúcia percebe e expõe esses atributos em seus versos, como se pode ver neste trecho do poema que dá título à obra:

Paraíba de mim

[...]

Ah, Paraíba,
meu Paraíba,
te conheço há tão pouco
e já sei falar
tua linguagem,
clara
para os ouvidos
de quem te ama.

Com variações temáticas, a autora cria os poemas dando voz ao rio Paraíba do Sul, expondo suas visões acerca das relações sociais em Campos dos Goytacazes, um dos municípios atravessados pelas águas da bacia

do Paraíba, que é a principal do estado do Rio de Janeiro. Destaca-se, ainda, a forma dialogal dos textos, que muitas vezes apresentam o vocativo para referir-se ao rio como a alguém próximo.

Segundo a professora Silvana Carneiro (2015), os rios possuem importante papel no surgimento de grupos populacionais, posto que oferecem desde sobrevivência até deslocamento aos seres humanos. Para a pesquisadora, é possível observar o surgimento da área urbana de Campos dos Goytacazes ao redor do Paraíba do Sul, criando, com isso, uma divisão entre bairros que pode ser entendida como obstáculo para a circulação de pessoas e mercadorias, com destaque para a divisão entre o Centro e Guarus, margens direita e esquerda, respectivamente.

Essa segmentação da malha urbana expõe seu impacto quando se analisa o contexto sócio-histórico do município, que demonstra que a margem esquerda do rio Paraíba do Sul é menos privilegiada, considerada como periférica em relação ao centro urbano (CARNEIRO, 2015).

Essas relações são abordadas no poema “Do outro lado”, em que a autora apresenta o rio como um elemento de divisão espacial que, por conseguinte, funciona como um fator de exclusão social, separando os bairros e expondo a relação entre o urbano e o natural e a forma como os seres humanos são impactados, o que fica demarcado nos versos:

Lado direito,
descendo à tua foz, Paraíba,
chamam cidade.
Do outro lado,
margem-guarus,
cidade-não?

Que outras gentes
existirão
após tuas pontes,
se tudo o que,
novidadeiro,
não sabe
a margem esquerda,
o que a direita cria?

Cortas em duas
tua cidade,
que mandrake
moisés,
te sonhas.

[...]

A mesma expressão fica demonstrada no poema “Paraíba, outro de mim”, em que a autora expõe a noção de que o fluxo aquático traz consigo “novidades” vindas dos outros tantos municípios cortados pelo Paraíba do Sul – que tem sua nascente no município de Areias/SP e sua foz no municí-

pio de São João da Barra/RJ –, passando por cento e oitenta e quatro municípios; por centros urbanos, industriais, fazendas e plantações (CARNEIRO, 2015). Com isso, em seu poema, Lúcia Miners apresenta a extensão do rio e os tantos impactos de sua passagem ao longo dos territórios banhados por suas águas:

[...]

Tu, rio,
me trazes novidades
de outras águas
mais longínquas
do que alcança
meu repórter faro
citadino.

A questão do impacto geográfico e social do rio também é repercutida em outros textos, nos quais é enfatizada a relação histórica entre cidade e rio, nas dicotomias de compreender o fluxo, o nível das águas e o espaço de habitação e exploração humanas. Para construir a imagem dessa relação urbana com o rio, Lúcia lança mão de elementos do texto literário enquanto produtor de significados e memórias diante do resgate de imagens do rio Paraíba do Sul capazes de gerar percepções e vivências nos leitores. Isso faz com que o texto literário seja significativo para determinado grupo de acordo com suas memórias, como analisa a

pesquisadora Danielle Cristina Mendes Pereira (2014).

Diante disso, é possível considerar a construção de lugares de memória pela literatura, “[...] isto é, lugares simbólicos que dariam a sensação de garantir a permanência da memória e da identidade coletiva.” (PEREIRA, 2014, p. 348). Para além do conceito de lugar de memória, os poemas de Paraíba de mim compõem o que o antropólogo Rafael Vitorino Devos (2008) chama de memória ambiental, isto é, a imagem construída pelos habitantes de uma cidade acerca das transformações urbanas e as interações ambientais que delas decorrem.

Isso acontece porque refletir sobre as transformações ambientais é também refletir sobre o tempo e sobre os arranjos tomados pela paisagem urbana (DEVOS, 2008). No caso do corpus aqui apresentado, Lúcia acaba por criar um retrospecto memorialístico do rio enquanto elemento a partir do qual a malha urbana foi formada, compondo imagens que trazem à tona vivências provavelmente transmitidas de geração para geração de campistas que observaram a formação da cidade a partir do rio.

Isso se percebe no poema “De amor”, no qual o leitor se depara com a imagem do rio no horizonte, remetendo a uma visão que pode vir à memória de quem conhece o Paraíba do Sul:

[...]

Alfa e Ômega
desta cidade
em ti plantada,
são infinitos

os horizontes
que ofereces, dadivoso,
se olhos te sabem
ver,
caleidoscópico.

[...]

A questão do desequilíbrio entre o meio ambiente e a humanidade também merece destaque, considerando o fato de a autora apresentar o rio como fator de instabilidade que deve ser debatido e preservado, incluindo-o na dinâmica social, num patamar em que raramente a natureza se encontra, dada a suposta superioridade do homem que, por vezes, ignora que sequer existiria humanidade sem os seres não humanos. Com isso, conforme disserta o ecocrítico William Rueckert (1996), o problema atual reside em encontrar meios para impedir que os seres humanos destruam a natureza não humana e, com ela, a própria humanidade, o que é visto pelos ecologistas como ação autodestrutiva, paradoxal quanto ao meio ambiente.

Isso pode ser constatado a partir do alto volume de rejeitos e resíduos lançados no Paraíba do Sul. O principal rio de abasteci-

mento de água potável e energia do estado do Rio de Janeiro recebe esgoto doméstico e poluição industrial por toda a sua extensão – da nascente à foz –, além de sofrer o constante risco de rompimento de barragens e reservatórios ao longo de seu leito (PARAÍBA..., 2015).

Nas últimas décadas, ao menos três catástrofes alcançaram o Paraíba: em 2003, o rompimento do reservatório da Indústria Cataguazes de Papel causou o derramamento de cerca de vinte milhões de litros de soda cáustica no Paraíba. Poucos anos depois, houve o derramamento de rejeitos de bauxita vindos de outra barragem, lançando quatrocentos milhões de litros de lama no leito do rio em 2006 e, no ano seguinte, dois bilhões de litros de lama (PARAÍBA..., 2015).

A questão da poluição e seus consequentes riscos para o Paraíba é tema do poema “Degredo”, com destaque para os seguintes versos, nos quais a autora utiliza imagens de poluição para ilustrar e criticar a questão da degradação ambiental:

[...]

Sobrará bem pouco:

em afluentes

te divides

pela cidade,

gorgolejando espumas fétidas

e óleos industriais.

[...]

Lúcia, com sua poesia, acaba por ressaltar também as diversas formas de debater a existência por meio da natureza, evidenciando que sabia ouvir a voz do Paraíba, expressando as discrepâncias relativas à convivência homem-rio, considerando que o homem não compreende a “linguagem” com que as águas se expressam, a qual se manifesta na força implacável das águas, conforme os versos do poema “Canto de Jó”:

[...]

Grito e ninguém me responde:
meu corpo derramo pelas ruas
à procura dos homens
e todos fogem de mim
porque vil é o meu rolar
pela cidade e mato,
Senhor,
mato e destruo
o que está à minha frente,
de dor e medo
e ninguém me entende.
Se Paraíba sou,
assim rio,
que outra linguagem
posso falar?

[...]

A incompreendida impetuosidade do Paraíba do Sul é também enfatizada em outros textos, nos quais fica demonstrada uma visão selvática atribuída ao rio enquanto fluxo de água incivilizado e forte que corta o município, capaz de levar casas, famílias e histórias consigo, intempestivo e, por vezes, imprevisível.

Tal imagem provavelmente ganhou corpo com as memórias da autora sobre as cheias do rio, que costumam gerar insegurança nos habitantes de Campos quase anualmente, quando o nível das águas sobe ao longo do período de chuvas de verão (CARNEIRO, 2015).

Destaca-se a cheia do rio datada de 1966, quando Lúcia tinha pouco mais de trinta anos de idade. Por não haver dique de contenção das águas em Campos, a enchente ocorrida naquele ano foi a maior de todos os tempos no imaginário da população, chegando a desabrigar mais de dez mil pessoas e destruindo toda a safra de cana-de-açúcar, dada a magnitude da invasão das águas registrada na época (CARNEIRO, 2015).

Além das enchentes possivelmente vividas por Lúcia, o professor e jornalista Horácio Sousa (2014) apontou, no início do século XX, que muitas outras foram as incursões do rio Paraíba do Sul sobre o município ao longo dos últimos dois séculos, sendo as piores consequências para o subdistrito de Guarus, causando mortes e alagando diversas casas.

Com tais informações, é possível ver na obra de Lúcia Miners as nuances da força

do rio com base em suas memórias, mas sempre fazendo o contraponto entre a selvageria e a docilidade, com destaque para este trecho do poema “Amor”, em que ela apresenta o rio como animal selvagem, mas logo em seguida utiliza a figura de um pássaro para expressar brandura e leveza:

[...]

Se animal,
cataria teus piolhos
e os morderia
simiesca,
em ternura ancestral.

Te limparia, pássara,
bicando tuas penas,
até que, modorrento,
escondesses a cabeça
sob a asa
quando a noite viesse.

[...]

A diversidade de visões de Lúcia Miners sobre o rio Paraíba do Sul a levaram a observar um rio travesso, inclinado a meninices e malandragens que o caracterizam enquanto malicioso personagem do município de Campos dos Goytacazes. Isso fica nítido no poema “Tartufagens”, que carrega no título a noção de dissimulação e travessura:

[...]

Bem tartufo és,
Paraíba,
mas isto é segredo
para a espectadora gente,
mas que eu,
tartufamente,
sei e escondo,
divertida,
cúmplice,
pecadora como tu.

O rio enquanto tartufo provoca a reflexão de que Lúcia maneja suas memórias e sentidos acerca do rio Paraíba do Sul de modo a reconstruir um sentimento social sobre ele. Isso ocorre porque a autora exerce um importante papel de articular memórias, pois,

na tecelagem da memória da escrita, o escritor agencia memórias ou, como queira, informações, lembranças, carências, desejos, por meio de suas leituras de mundo. A memória, tecelã da escrita, estende seus tentáculos ampliando seu repertório, por meio do diálogo que o escritor estabelece com outros sujeitos, ao longo de suas leituras textuais, desencadeando uma memória partilhada que pode influenciar tanto a si

como a seus leitores, possibilitando-lhes concatenar as suas teias a outros contextos, outras culturas, outros mundos, decorrentes dos mecanismos intertextuais que, voluntariamente ou não, se processam (SANTOS, 2013, p. 20).

Isso se evidencia de forma similar no texto “Menino”, que expõe uma visão pueril sobre o rio, trazendo à tona memórias afetivas construídas pela autora, compartilhadas com os leitores que vivenciam o rio de tal forma. Para isso, ela utiliza a imagem de uma criança que necessita de cuidado e ajuda, mais uma vez enfatizando a doçura e o sentimento de amor:

[...]

Mas te olho tanto
e tão dentro,
que percebo
seres, apenas,
uma criança
perdida
e pedindo socorro.

E, então,
te tomo em meus braços,
e canto uma canção de ninar
que te faça dormir,
que te faça sonhar.

Teus medos são os meus.
Meus medos, também os teus.

Te adivinho,
me consolo
e o teu peso no meu colo
é o peso de uma flor.

E me inundo, Paraíba,
deste teu pesar de amor.

Os textos de *Paraíba de mim*, aqui apresentados de forma reduzida com o audacioso intuito de captar sua essência, desvelam, portanto, um rio Paraíba do Sul presente no cotidiano dos habitantes de Campos dos Goytacazes, mas que nem sempre é notado pelos que o atravessam ou mesmo por aqueles que o circundam nas avenidas XV de Novembro e Francisco Lamego. Trata-se de uma obra que lê o rio para muito além do aspecto da exploração para abastecimento de água, alcançando suas dimensões poética, social e afetiva.

3. Aspectos interdisciplinares dos estudos ecocríticos

Vale ressaltar a importância do presente debate no ensino da literatura, o qual, uma vez desprendido das análises estruturalistas, formalistas ou focadas na

história literária, torna-se cada vez mais interdisciplinar. Isso se deve, dentre outros fatores, à natureza polifônica do texto literário, capaz de abarcar mundos de diferentes categorias. Poemas, contos e romances são constantemente atravessados por discussões sobre racismo, feminismo, homofobia, pobreza, violência, gênero; questões que, embora sempre presentes no cotidiano, passaram a adentrar o universo escolar de forma mais sistematizada nos últimos vinte anos, na esteira de leis como a 10.639 de 2003.

O enfoque de leitura e interpretação do texto literário já se voltou para sua organização estética, no início do século XX. Em seguida, para problemas relacionados à noção de autoria. A Estética da Recepção trouxe o leitor para as discussões críticas sobre as possibilidades de sentido do texto nos anos 70. Em termos da abordagem do presente trabalho, vale ressaltar que o termo “ecocrítica”, cunhado em meados da década de 1970, foi incluído como parte dos Estudos Literários apenas na década de 1990 por seu criador, William Ruckert (1996). Tal perspectiva, conclui-se, aponta para a tendência de afastar a noção antropocêntrica em prol da perspectiva ecocêntrica.

De acordo com o artigo 225 da Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988), é obrigação do Poder Público e da sociedade em geral promover educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização para a preservação do meio ambiente. No entanto, tal tarefa se reduz a

eventos isolados em datas comemorativas, contrastando com a noção de que educar para um mundo ambientalmente habitável deve fazer parte do cotidiano das instituições de ensino.

É possível, no esteio da presente discussão, aventar as tantas possibilidades que os estudos ecocríticos trazem ao contexto pedagógico, uma vez que se trata de um campo interdisciplinar, que lança mão de conceitos dos estudos ambientais e os associa aos estudos literários, evidenciando, como ressalta Maria do Carmo Mendes (2020), as interseções entre áreas como ecologia, filosofia, antropologia e literatura. Isso explica o fato de a ecocrítica permanecer conceitualmente aberta, distante de uma significação definitiva, posto que opera de modo difuso, com múltiplos sentidos (MENDES, 2020).

Deve, portanto, ser considerado que os estudos ecocríticos ampliam a forma como o texto literário é concebido, uma vez que a fruição de conceitos em diálogo permite abordagens diversas do texto literário em sala de aula, sobretudo sob a égide da representação de tais conceitos e de seus traços evolutivos. A ecocrítica permite, como analisam os estudiosos Francisco Pinto e Hilda Magalhães (2013), que a literatura seja vista enquanto sistema complexo, composto por um conjunto de realidades amplas e abrangentes. Isso porque,

[d]entro dessas perspectivas, a formação do leitor de literatura

deve operar a incerteza e a perturbação, o insólito e o imprevisível. Formar o leitor exige, portanto, um navegar pelas brechas, que abrem caminho para a complexidade. Isso significa, do ponto de vista da obra literária, dar importância, na relação direta entre o texto e o aluno, à plurissignificação. Já do ponto de vista do leitor, isso significa valorizar a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, a afetividade, a imaginação e a formação de sentidos, com vistas a desenvolver a sensibilidade e a capacidade de fruição do leitor (PINTO; MAGALHÃES, 2013, p. 47).

Ao voltar os olhos para o *corpus* do presente estudo, nota-se que poemas como os de Paraíba de mim, lidos sob a perspectiva ecocrítica, podem contribuir para uma análise do texto literário que permita ao leitor refletir sobre o papel dos seres humanos na preservação do meio ambiente do qual fazem parte, uma vez que, sob tal enfoque, os ambientes sociais e naturais são inseparáveis.

Isso porque, a partir dos poemas de *Paraíba de mim*, é possível colocar em debate temas gerais, como estudos hidrográficos próprios da geografia, e também abordar temas locais, como as marcas de desigualdade social dentro do município de Campos dos Goytacazes, ou mesmo debater a história socioeconômica do município de Campos, marcada, como destaca a professora Arlete

Sendra (2010), pela transição entre a exploração econômica da cana-de-açúcar e a exploração do petróleo. Nas palavras da acadêmica, “[s]e ontem, os ventos desta planície fizeram dançar os canaviais, alimentando nossa região com o 'ouro verde', hoje, a paisagem econômica nos vem – e nos chega? – do 'ouro negro', do petróleo, que antes da descoberta do pré-sal, tinha seu óbito decretado para vinte anos” (SENDRA, 2010, p. 239).

Por fim, é necessário dizer que estudos interdisciplinares cumprem um papel pedagógico fundamental: o da ruptura – de fronteiras e paradigmas –, alcançando não apenas os conteúdos programáticos de uma disciplina escolar, mas também a descontinuidade capaz de fazer com que o indivíduo olhe para si próprio e para a complexidade das relações entre o ser humano e a natureza não humana.

4. Considerações finais

Longe ainda de encontrar sua foz, dadas a profundidade e a vastidão das águas que banham a temática abordada, este trabalho cumpriu o intuito de resgatar os textos ainda inéditos de Lúcia Miners e lê-los sob a ótica dos estudos ecocríticos. Isso só foi possível pelo fato de a obra da autora comportar reflexões e vivências sobre o rio Paraíba do Sul, contendo nuances de sentimentos e memórias que constroem a visão social acerca do rio, bem como as contradições e histórias que o cercam.

Além disso, vale dizer que o presente estudo alcançou seus objetivos de refletir sobre a obra poética de Lúcia, resgatando seus textos e produzindo material bibliográfico sobre literatura campista para fins didáticos, a partir do que se pode apontar também a importância do debate interdisciplinar dos estudos ecocríticos e seu papel formativo ao vincular diferentes áreas do conhecimento. Ao ampliar a consciência sobre a preservação do ambiental, a ecocrítica considera a natureza não um mero pano de fundo da obra literária, mas um elemento fundamental para sua construção e compreensão.

Indo além dos objetivos alcançados, este trabalho suplantou as margens que direcionam seu fluxo ao trazer à tona, dentro do projeto de pesquisa em que está inserido, a publicação da obra inédita de Lúcia, considerando sua importância para a cena cultural local e regional. Embora seja uma autora publicada nacionalmente para o público infantil, sua obra poética acaba por ser uma lacuna que este trabalho tentou preencher. Utilizá-la como corpus dos estudos ecocríticos do projeto desenvolvido pelo Instituto Federal Fluminense contribui, portanto, para o preenchimento dessa lacuna bibliográfica da produção da poeta.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 14 set. 2021.

CARNEIRO, S. M. C. **A margem da cidade: O Rio Paraíba do Sul na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes/RJ**. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades) – Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes, 2015. Disponível em: <https://cidades.ucam-campos.br/wp-content/uploads/2016/05/silvana-monteiro-24.11.16.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

DEVOS, R. V. A memória ambiental nas narrativas de cronistas e “memorialistas”. **MOUSEION**, v. 2, n. 3, p. 65-90, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/issue/view/18>. Acesso em: 3 jul. 2023.

ENGELHARDT, J. The Language Habitat: an Eco-poetry Manifesto. **DERECE**, 2008. Disponível em: <http://derece.blogspot.com/2008/06/language-habitat-ecopoetry-manifesto.html>. Acesso em: 14 set. 2021.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MENDES, J. R. Antropoceno: um polissema a ser feito. **Anthropocena. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica**, v. 3, p. 77-94, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21814/anthropocena.4129>. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocena/article/view/4129>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MENDES, M. C. No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica. **Anthropocena. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica**, v. 1, p. 91-104, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21814/anthropocena.3100>. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocena/article/view/3100>. Acesso em: 3 jul. 2023.

NOGUEIRA, J. Morre Lúcia Miners, escritora que dá nome à biblioteca infantil. **Folha Cultura & Lazer**, Campos dos Goytacazes, 9 jun. 2012. Disponível em: http://www.folha1.com.br/_conteudo/2012/06/cultura_e_lazer/617263-morre-lucia-miners-escritora-que-da-nome-a-biblioteca-infantil.html. Acesso em: 21 jan. 2022.

PARAÍBA do Sul: o rio que abastece o Rio está em risco. IETS, 2015. Disponível em: <https://www.iets.org.br/spip.php?article189#:~:text=Sob%20o%20risco%20de%20rompimento,milh%C3%B5es%20de%20pessoas%20do%20Sudeste>. Acesso em: 12 abr. 2022.

PEREIRA, D. C. M. Literatura, lugar de memória. **SOLETRAS, Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ**, Rio

de Janeiro, n. 28, p. 344-355, jul./dez. 2014.

DOI:

<https://doi.org/10.12957/soletras.2014.16314>.

Disponível em: [https://www.e-](https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16314)

[publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16314](https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16314). Acesso em: 25 set. 2021.

PINTO, F. N. P.; MAGALHÃES, H. G. D.

Contribuição da ecocrítica ao ensino de

literatura. **Litterata**, Santa Catarina, v. 3, n. 1,

p. 36-49, jan./jun. 2013. Disponível em:

<https://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/808>. Acesso em: 3 jul. 2023.

RUECKERT, W. Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism. *In*: GLOTFELTY, C.; FROMM, H. (ed.). **The Ecocriticism**

Reader: Landmarks in Literary Ecology.

Athens and London: The University of

Georgia Press, 1996. p. 105-123.

SANTOS, S. M. P. **Literatura e memória entre os labirintos da cidade**: representações na

poética de Ferreira Gullar e H. Dobal. 2013.

181 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária)

Programa de Pós-graduação em Letras da

Universidade Federal de Pernambuco, Recife,

2013. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11548>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SENDRA, A. P. Revendo Campos, relendo e

reescrevendo sua história. *In*: SENDRA, A. P.

Embornal de ensaios literários para leituras

a granel. Campos dos Goytacazes: Academia

Campista de Letras, 2010. p. 235-250.

SOUSA, H. **Cyclo Aureo**: História do 1.º

Centenário de Campos. Campos dos

Goytacazes: Essentia, 2014. Disponível em:

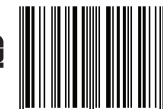
<https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/livros/article/view/7015>. Acesso em: 3 jul. 2023.

"Parahyba de Mim Uma História de Amor", além dos poemas, é apresentado ao leitor uma leitura ecocrítica da obra de Lúcia Miners sob a perspectiva da ecocrítica e da memória, considerando as interações espaciais e naturais apresentadas pela autora de acordo com as suas vivências em Campos dos Goytacazes/RJ.

O texto analisa o papel do rio Paraíba do Sul - principal bacia hidrográfica do Rio de Janeiro - com a finalidade de ampliar a bibliografia analítica acerca da literatura campista, contribuir com a linha de estudos ecocríticos e tornar pública a obra inédita de Lúcia Miners.

ISBN: 978-65-00-69162-7

CD



9 786500 691627

